

Professor: Arnin Braga

Disciplina: Filosofia da Religião

Semestre: 4º Semestre de Filosofia

Tema 05:

Da Crise da Baixa Idade Média à Ruptura da Reforma Protestante

1. Introdução

O ideal de cristandade e a coesão cultural, política e religiosa no qual estava incluído Santo Tomás de Aquino e a Escolástica começaram a se desfazer a partir do final do século XIV. Os fatores que levaram a esta crise foram os seguintes:

- *Divisões políticas*: o século XIII foi marcado pela teocracia do papa Inocêncio III. O poder da Igreja estava acima do poder temporal dos reis. Mas no século XIV, os reinos europeus começam a almejar uma unidade política (alcançada no século XV) e colocam o poder da Igreja e do papa em segundo plano.

- *Divisões culturais*: A subserviência dos papas do século XIV aos franceses não agradava aos monarcas alemães do Sacro-Império Romano Germânico. A Escolástica da Universidade de Paris começa a perder espaço para outras universidades como Oxford, Cambridge, Salamanca e Colônia.

- *Divisão Religiosa*: Desde o século XIV muitos reinos europeus desejavam que o poder temporal da Igreja Católica, e suas mediações, fossem diminuídos ou até mesmo substituídos pelo Estado. A Reforma Protestante iniciada por Lutero dá o golpe final na antiga unidade e coesão da cristandade medieval.

No entanto, não foram apenas acontecimentos históricos que levaram à mudança nas relações entre Teologia e Filosofia na Modernidade, mas antes da Reforma Protestante as discussões sobre a necessidade de uma maior independência da Razão com relação à Fé já tinham sido abordadas pelo filósofo medieval: Guilherme de Ockham (1285-1347).

2. Guilherme de Ockham e a divisão entre Fé e Razão

Segundo Ockham, as tentativas de justificar com bases racionais as afirmações de fé só produziram efeitos danosos e muitas discussões. Para ele, as verdades de fé não são evidentes por si mesmas e nem demonstráveis pela razão como afirmavam Santo Anselmo de

Cantuária e Santo Tomás de Aquino. Mas segundo Ockham, Deus é um ser onipotente muito acima da razão humana, logo, todo esforço metafísico de querer justificar sua existência por meio de categorias universais é vão. As verdades de fé e sobre Deus pertencem a um nível distinto do da razão. E por que a razão humana não pode captar a Deus em sua onipotência?

Porque para Ockham, apesar de nossa razão conseguir universalizar as coisas num âmbito abstrato, na realidade concreta e empírica ela só consegue captar aquilo que é individual e singular. Segundo a lógica de Ockham, primeiramente a razão humana capta – a partir da experiência – um conhecimento “não-complexo” e “intuitivo” das coisas. O ser humano capta primeiramente a existência de objetos singulares e individuais. É o que mostra nossa experiência: não existe o “ser humano”, o que existe é o João, o Pedro, etc. E como surgem as ideias universais? Por meio de um conhecimento “complexo” e “abstrativo”: observando os particulares e individuais, o ser humano recorre àquilo que é repetitivo e forma uma ideia universal.

Desse modo, para Ockham, como a realidade é composta apenas por seres individuais, as ideias universais não são reais. São apenas “nomes” ou “sinais” que o ser humano utiliza para indicar a repetição de múltiplos conhecimentos semelhantes, e que permitem uma compreensão lógica. Uma ideia universal existe apenas como um “nome”, nunca na realidade (teoria chamada de “nominalismo de Ockham”).

Sendo assim, a partir de sua lógica, Ockham utiliza um método conhecido como “a navalha de Ockham”, que elimina todo conceito universal que não parte do particular: substância, causa eficiente, etc. Logo, segundo ele é impossível para a razão demonstrar a existência de Deus por meio de conceitos universais como “substância” (Santo Anselmo) e “causa eficiente” (Santo Tomás de Aquino), pois estes conceitos não derivam da repetição de coisas particulares e singulares. Só podemos demonstrar a existência de Deus porque as coisas singulares que de fato existem necessitam do Ser para serem mantidas e conservadas. E a partir disso, podemos intuir que Deus é este Ser que as mantém e conserva. Por isso, para Ockham Deus não é nem “substância” nem “causa eficiente”, mas a “causa conservante”.

Dessa maneira, Ockham afirmará que quando a razão tenta falar de verdades de fé, seu alcance é muito limitado. Questões de Deus e de religião são coisas da fé e da teologia. A Razão por sua vez, deve ocupar-se dos problemas que se referem ao mundo dos particulares e subjetivos, âmbito este que não pertence aos ditames da fé. Em suma, para Ockham existem as verdades de fé e as verdades da razão, ambas são válidas e não estão em ligação uma com a outra. Tal pensamento influenciará fortemente os pensadores do início da Modernidade, dentre eles, um monge alemão chamado Martinho Lutero (1483-1546).

3. Martinho Lutero e a ruptura dos três “Solas”

Lutero, em sua vida de fé e espiritualidade, bebe do ockhamismo filosófico e o aplica na espiritualidade cristã. Em outras palavras, da mesma forma que Ockham afirmava o primado do subjetivo e do singular, Lutero acredita que somente uma experiência subjetiva e singular de Deus, sem nenhuma mediação externa, pode levar o ser humano ao conhecimento de Deus. Dado que o conhecimento de Deus deve começar pela intuição direta do indivíduo, Lutero cai em um problema que o deixa em crise: como o indivíduo pode conhecer a Deus se sempre está tocado pela força do pecado? A única solução encontrada por Lutero foi: Deus mesmo, em sua infinita Graça, é o que se revela ao sujeito, sem nenhuma mediação humana. Somente a fé individual de cada um pode descobrir essa revelação de Deus. A Graça de Deus, segundo Lutero, não tira a condição de pecado do ser humano, mas justifica o fiel. Sendo assim, a salvação só pode ser alcançada por meio da Graça de Deus (*Sola Gratia*), da fé pessoal em Jesus Cristo (*Sola Fidei*) e da Palavra dada aos homens (*Sola Scriptura*).

Este pensamento de Lutero baseado profundamente no sujeito e sua experiência pessoal, colocará as bases para uma progressiva ruptura da sociedade moderna com o dogma, com a Igreja Católica e com a Revelação das Sagradas Escrituras.

REFERÊNCIAS

SANCHÉZ, J.L. Nogales. *Filosofía y Fenomenología de la Religión*. Editorial Ágape: Salamanca, 2003.

ZILLES, Urbano. *Filosofia da Religião*. 4 ed. Paulus: São Paulo, 1991.